

Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos*



Jairo Ferreira

Mestre em Sociologia e doutor em Informática na
Educação (UFRGS)

Professor e pesquisador do PPGCC-Unisinos

Pesquisador do CNPq

Email: jferreira@unisinos.br

1. Conceito de dispositivo na análise dos meios

Resumo: O artigo desenvolve uma concepção triádica de dispositivos midiáticos. Primeiramente, localiza a opção pelo método triádico em nossas investigações. Apresenta, então, uma matriz primária de leitura epistemológica e teórica dos dispositivos midiáticos. É demonstrada a fecundidade dessa perspectiva, discutindo-se autores (Braga, Rodrigues, Mouillaud e Aumont) que utilizam o conceito. Concluindo, listam-se aspectos de uma metodologia de análise e reflexão a partir das proposições apresentadas.

Palavras-chave: dispositivos, mídias, epistemologia.

Abordaje triádico de los dispositivos mediáticos

Resumen: El artículo desarrolla una concepción triádica de dispositivos mediáticos. En primer lugar, localiza la opción por el método triádico en nuestras investigaciones. Presenta, luego, una matriz primaria de lectura epistemológica y teórica de los dispositivos mediáticos. Se demuestra la fecundidad de esa perspectiva por medio de la discusión de autores (Braga, Rodrigues, Mouillaud y Aumont) que utilizan el concepto. En resumen, se listan los aspectos de una metodología de análisis y reflexión a partir de las proposiciones presentadas.

Palabras clave: dispositivos, medios, epistemología.

A triadic approach to media devices

Abstract: This article develops a triadic concept of media devices. First, it locates the choice for the triadic method in our investigations. Then, it presents a primary matrix of epistemological and theoretical reading of the media devices. We prove the fruitfulness of this perspective by discussing authors (Braga, Rodrigues, Mouillaud and Aumont) who use this concept. We conclude listing aspects of a methodology of analysis and reflection based on the propositions exposed.

Key words: devices, media, epistemology.

No uso acadêmico do termo dispositivo no campo da comunicação, o dominante é a assimilação do conceito ao de tecnologia, sendo essa, no máximo, elevada a uma ordem de complexidade (articulações entre várias). Esse uso contrasta com o lugar epistemológico que o conceito tem na teoria social crítica (Foucault, Deleuze, Guattari, entre outros). Essa concepção convive com outras em que o dispositivo é pensado de forma unidimensional: os dispositivos circunscritos à perspectiva sócio-antropológica, o inconsciente como dispositivo, por exemplo, ou a perspectiva semio-lingüística. Essas três dimensões – a socioantropológica, a tecnotecnológica e a semiolinguística – aparecem, portanto, “coladas” ao operador semântico dispositivos conforme as propensões teóricas e epistemológicas dos

* Este artigo sintetiza reflexões sobre o campo acadêmico da comunicação que venho desenvolvendo nos últimos cinco anos (ver Ferreira, 2004), e, simultaneamente, minhas conclusões teóricas em torno de uma teoria dos meios, em particular sobre o conceito de dispositivos.

autores que dele fazem uso. Essas perspectivas unidimensionais devem ser integradas à que propomos, ou seja, triádica e relacional.

A proposição de que o dispositivo é triádico – sociedade, tecnologia e linguagem – foi feita por Peraya (1999). Afirmava, então, que o dispositivo é um lugar de interações entre três universos: uma tecnologia, um sistema de relações sociais e um sistema de representações. Entretanto, a formalização que faz do conceito (que utilizamos durante alguns anos para pensá-lo em termos operacionais de investigação) transita entre esses três objetos e processos de comunicação (produção, consumo e circulação), sem dar conta da proposição lógica enunciada. Essa ambigüidade “invadiu” nossa reflexão sobre o conceito durante sete anos, isto é, até este ano de 2006¹.

1.1. Tríades: um percurso metodológico, epistemológico e ontológico

Nossa formulação triádica responde, antes de tudo, à busca de definição de um regulador lógico-dialético na construção de categorias triádicas de análise, como formulamos em artigo publicado na *Revista Contemporânea* em 2004, sobre a pesquisa “A emergência do campo de significação das ONGs na *web*: discurso e contexto de produção em dispositivos digitais (2002-2005)”.

O eixo teórico e epistemológico da pesquisa foi cruzado com procedimentos indutivos, a partir dos quais construímos relações e hipóteses que devem ser articuladas entre si. Em termos indutivos, a análise dos dados resulta de *agrupamentos realizados diversas vezes até a configuração de tríades* que correspondam a determinados construtos teóricos... (exemplo)... a lei (a moral e o método), e díades categoriais (Ferreira, 2004a).

¹ Somente na preparação da “apresentação oral” do conceito, e dialogando com nossas investigações, visando ao texto submetido ao GT de Teoria da Comunicação, na Intercom 2006, em Brasília, chegamos às conclusões apresentadas aqui. Este artigo têm, portanto, uma relação com o artigo lá apresentado, mas já expressa um momento posterior de reflexão.

Isto é, as construções descritivas na mesma pesquisa também já foram, na época, “amaradas” triadicamente, o mesmo ocorrendo com os constructos dedutivos. Exemplo é a formalização da pesquisa em torno de três grandes mercados – e não dois, como aparece em Bourdieu (1997, 2000), como afirmávamos aqui:

Na medida em que trabalhamos com os três mercados, temos um espaço tridimensional, com oito quadrantes (variações dos três capitais, desde o +, +, + até o -, -, -, em todas as possibilidades combinatórias). Assim, vale estudar a ONG com poucos capitais políticos, econômicos e culturais até a que possuir todos esses capitais, relativamente às outras, em quantidades consideradas maiores. Relacionando as disposições discursivas tratadas anteriormente com as posições sociais aqui definidas, temos um quadro que relaciona elementos do contexto macrossocial de produção com as condutas dos agentes.

Essas construções respondiam ao que observávamos em vários autores (a tríade freudiana anomia, heteronomia e cooperação, ou ritmos, regulações e cooperação em Piaget, a teoria do valor em Marx etc.). Observávamos também que a organização do discurso científico é muitas vezes pontuada em torno de tríades, inclusive em sua superfície, do tipo: “abordaremos agora os seguintes três aspectos fundamentais”. Há muitos anos, em conversa sobre isso com Silvia Parrat Dayan, dos Arquivos Jean Piaget, ela formulou a associação entre as tríades lógico-matemáticas (ou lógico-formais) com o lugar do simbólico na psicologia. Essa formulação se mostrou fecunda e permanece em nossa investigação.

Recentemente, já no âmbito da formulação da investigação sobre a circulação, voltamos ao assunto em conversa com Verón, em Buenos Aires, tendo como objeto especificamente “as disposições discursivas”. Ele, também um autor que elabora em termos triádicos, fez, entretanto, uma crítica à nossa construção categorial triádica sobre o

que chamávamos de “disposições discursivas”: que elas eram casuísticas. A crítica foi exata. Em geral, as tríades não construídas teoricamente a partir de uma reflexão lógico formal, no decorrer da pesquisa, acabaram por perder valor explicativo de profundidade. Inversamente, exemplificamos, as tríades fundadas em teorias sócio-antropológicas fortes (o cruzamento dos três grandes mercados em Bourdieu, o econômico, o político e o cultural) ou discursivas (o discurso de poder construído a partir uma apropriação de Charaudeau sobre a instrução oficial: o método, a lei e a moral) foram produtivas nas análises decorrentes (ver Ferreira, 2005), são produtivas em termos explicativos e descritivos.

A consciência de que “havia um problema em nossas tríades” sobre as disposições discursivas – como disse Verón –, entretanto, não teve solução imediata. Ou melhor, a única solução imediata foi aquela que ocorreu no chão da pesquisa, onde as análises confirmam a tese de que somente tríades sobre “disposições discursivas” consistentes teoricamente eram fecundas em profundidade. As outras permitiam, quando bem construídas, mapeamentos e agrupamentos, como, de resto, propõem as diversas correntes de análise descritiva (como a análise temática). Isso significa que, nas elaborações teóricas, continuamos ao sabor de uma análise das disposições baseada em construções categoriais classificatórias e taxionômicas casuísticas, numa espécie de bricolagem de conceitos-categorias de vários autores, articulados triadicamente.

Como afirmamos, essas classificações e taxionomias permitem mapeamentos (descrições importantes), mas não se constituem em instrumentos para análises que toquem no teto das questões teóricas e epistemológicas do campo acadêmico da comunicação. Nesse sentido, o que permite ir além das descrições são as correlações entre categorias analítico-descritivas sobre disposições e dispositivos e construtos teóricos-metodológicos mais estáveis.

Para ultrapassar as taxionomias erráticas

dos dispositivos e disposições, buscamos então o estudo das tríades em Pierce (2003). Ele observa sua própria trajetória em torno desse núcleo reflexivo:

Kant... quem primeiro observou a existência, na lógica analítica, das distinções tricotômicas e tripartidas. E realmente assim é: durante muito tempo tentei arduamente me convencer de que isso pertencia mais ao reino da imaginação, porém os fatos realmente não permitem este enfoque do fenômeno (Pierce, 2003:9).

O autor desenvolve então a idéia de que enunciados simples atingem o nível de proposição lógica quando se produzem em proposições triádicas (do tipo enunciado sobre a classe, o indivíduo e a relação entre classe e indivíduo), e depois trata das tríades na psicologia, na metafísica etc. No primeiro sentido, as tríades são ontológicas, no segundo, epistemológicas, embora se possa dizer que a epistemologia também é ontologia, e na ontologia do ser social também há epistemologia. Esse caminho vinculando as tríades à filosofia, portanto, a epistemologia em geral, necessita ser trilhado, em particular em suas heranças dialéticas hegelianas e marxistas, onde as tríades, de método lógico-proposicional, são incorporadas ao método histórico-social.

Metodologicamente, a principal referência operacional vem, entretanto, de Walther-Bense (2000), onde se apresenta, de forma pedagógica, o pensamento de Pierce. A matriz relacional primária que desenvolvemos abaixo é uma transferência das formalizações em torno das tríades piercianas para análise do que consideramos objeto de uma teoria das mídias.

1.2 . Matriz relacional primária

O construto que propomos parte da conclusão de que as diferenciações epistemológicas no campo da comunicação se desenvolveram, e se desenvolvem, em torno de três grandes linhagens: a) a mais clássica das relações, a de que os grandes mercados condicionam os proces-

tos semio-lingüísticos e discursivos, e as apropriações técnicas e tecnológicas dos meios; b) a segunda, aberta pela análise semio-discursiva, em que o sentido nasce nessas esferas, e os sentidos sociais são desdobramentos; c) terceira, as abordagens sobre os condicionamentos impostos pelas técnicas e tecnologias. Essas três dimensões correspondem ao conceito de dispositivo de Peraya (1999).

Nossa abordagem registra que essas três esferas de contingenciamentos operam simultaneamente sobre as outras dimensões, desde os momentos que cada uma das dimensões se configura como sistema (portanto, operações próprias de autonomização perante as outras esferas da experiência comunicacional).

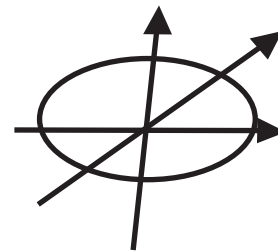
Para efeito de esquematização, chamaremos a perspectiva sócio-antropológica de sa; a semi-linguística-discursiva, de sl; e a técnica e tecnológica, de tt. Os dispositivos, sendo triádicos, contemplam possibilidades relacionais básicas. Essas possibilidades definem a matriz que desenvolvemos para análise dos processos midiáticos. Ilustramos as diferenciações das matrizes:

	Sócio-antropológica	Semio-lingüística	Técnica e tecnológica
Sócio-antropológica	sa/sa	sa/sl	sa/tt
Semio-lingüística	sl/sa	sl/sl	sl/tt
Técnico-tecnológica	tt/sa	tt/sl	tt/tt

Em nossa reflexão sobre a matriz desenvolveremos a perspectiva de análise de pólos dominantes, o que permite diferenciar a perspectiva sócio-antropológica da linguagem, da análise discursiva da sociedade, quando se trata de analisar os meios. O movimento de dominância já foi tratado na dialética como elíptico, em que os termos diádicos (x e y, por exemplo) se alternam nos limites diagonais maiores e menores das elipses. Na

direção das setas, há forças que movimentam a elipse, e que só convivem se cada uma, isoladamente, não romper com o movimento dialético. As setas correspondem ao que chamamos de sistemas auto-referenciais.

Pólos dominados (sa, sl, tt)



Pólos dominantes (sa, sl, tt)

Nessas relações triádicas, podemos observar várias díades possíveis nas análises dos processos comunicacionais, construídos em torno do tema mídia. Temos várias dessas díades que são características de investigações específicas de outros campos acadêmicos (as ciências sociais clássicas, as ciências da linguagem ou as ciências tecnológicas), que também têm os meios como objetos. São

desenvolvidas nos estudos dos meios também no campo acadêmico da comunicação. Particular é o caso das díades da diagonal descendente (sa/sa, sl/sl, tt/tt), em que os estudos são recursivos, epistemologicamente auto-referenciais, no âmbito das teorias sociais, das teorias da linguagem e, aí num alcance pragmático na formação dos comunicadores, são estudos de operações técnicas em interação com determinadas tecnologias

de comunicação. Em outras palavras, na diagonal descendente teríamos o que Luhmann chama de sistema, em sua especificidade auto-referencial. Já as relações entre dimensões diversas (do tipo sa/sl, sl/tt, ou tt/sa) implicam em acoplamentos estruturais, que possibilitam a realização heteroreferencial do midiático.

A importância histórica dos estudos auto-referenciais sobre os meios é que eles produzem mediações teóricas e metodológicas que aproximam as ciências clássicas da sociedade e da linguagem ao que procuramos situar como objeto “processos midiáticos” do campo acadêmico da comunicação. Ou seja, as reflexões sobre os meios partem de um ou outro enfoque predominante (sócio-antropológico, semio-lingüístico-discursivo ou técnico-tecnológico), e ganham complexidade com as abordagens diádicas em torno dos acoplamentos estruturais, tipo sl/sa, sa/sl, em que os membros da díade são diversos.

Nessa perspectiva é que situamos, por exemplo, as relações entre linguagem e sociedade. Na primeira linha, onde domina a perspectiva sócioantropológica, a linguagem é subordinada a outros sistemas sociais. Integra a linguagem aos sentidos produzidos em outras instâncias de produção social de sentido. A linguagem aparece então como pólo dominado, inclusive em termos epistemológicos, na medida em que é explicada por outros sistemas de produção que ela própria (a economia, a política e a cultura, no caso da sociologia).

A linguagem é pólo dominante na linha definida pela segunda linha. Essas relações podem ser desenvolvidas a partir de um olhar auto-referencial oferecido pela lingüística, semiótica e análise do discurso, em suas diversas correntes. Nessa perspectiva, a produção social de sentido é constituída na esfera da linguagem, dos signos e dos discursos. Explica-se o social a partir da linguagem. Além de seu lugar próprio, a linguagem ocupa na matriz o meio. Este lugar-meio cria uma ambigüidade. Se o dispositivo é o meio, a lingua-

gem é o meio do meio. Mas por que aí? Num primeiro momento, essa localização é intuitiva. Mas, posteriormente, refletimos sobre o fato de que a relação da tecnologia com a sociedade só passa a pertencer ao comunicacional na medida em que se produzem acoplamentos entre tecnologia, técnica e linguagem (desde os acoplamentos que possamos identificar nos dispositivos pré-históricos até os contemporâneos). A força do termo do meio deve ser pensada.



A relação da tecnologia com a sociedade passa a pertencer ao comunicacional quando ocorrem acoplamentos entre tecnologia, técnica e linguagem

Isso não é uma questão específica do campo acadêmico da comunicação. Veja-se o debate entre vigostkianos e piagetianos a respeito da linguagem. Piaget se situaria na linha em que a dimensão sócio-antropológica domina os sentidos desencadeados pela linguagem. Vygostky se situaria na segunda linha. Na sociologia, temos a linha em que coloca o sentido na ação social (Marx, Weber, Bourdieu), mas temos também os deslocamentos para o discurso (Foucault).

As relações entre técnica e tecnologia com as duas dimensões anteriores que constituem o conceito de dispositivos são históricas e sociais. As relações aqui só transformam quando, diferenciando-se da sociedade constituída, se instala um sistema especialista em torno de operações técnicas como reguladoras de determinadas tecnologias de informação e comunicação. Esse sistema especialista inexistente desde a origem embora possa se dizer que sempre há uma questão técnica e tecnológica na comunicação. A técnica como

*Poderíamos
entender a técnica e
a tecnologia,
nas conversações,
como não
diferenciadas*



sistema especialista se estrutura historicamente, a partir de outros sistemas especialistas. É a formação desse sistema especialista que nos instiga a investigar a técnica como lugar de geração epistemológica, aproximando-nos aqui da tese de autores que sugerem os ofícios midiáticos como forma ou campo de conhecimento. Em nossa formulação, essa tese, válida, deve ser integrada na matriz midiática, onde é relativizada, e deixam de ser um absoluto que orienta a reflexão sobre esses ofícios.

Esse mesmo “jogo” de possibilidades analíticas – ao qual nos referimos de forma sumária – é central no campo acadêmico da comunicação. O campo trabalharia a análise dos acoplamentos estruturais entre as várias dimensões, numa perspectiva relativista e relacional. Veremos, agora, alguns desses acoplamentos em torno do conceito de dispositivos.

2. Algumas ilustrações sobre o uso do conceito

Ilustramos essa argumentação com algumas posições sobre o conceito no campo epistemológico da comunicação. Consideramos especialmente, nesta discussão, o debate do conceito ocorrido na década de 1990. Não abordamos aqui a discussão “francófona”, ocorrida na revista *Hermes*, edição de 1999, e alguns autores de análise do discurso (Charaudeau, Mainueneau). Deixo para outro artigo também Verón e a apropriação recente do conceito por Braga (2006), entre outros autores latino-americanos que vêm trabalhando

o conceito (Fausto Neto e Mario Carlon) em perspectivas mais recentes.

Em Braga (1994), o conceito de dispositivo de conversação é construído nas relações entre linguagem e sociedade (interações e contexto). Os dispositivos conversacionais são definidos aí como um conjunto de regras, modelos, roteiros mais ou menos elaborados, “que não definem o conteúdo dos enunciados que vão ser produzidos, mas fornecem as marcações para o trabalho de cena” (Braga, 1994:13). O centro do debate, aí, é a tensão entre a perspectiva da linguagem como sistema (regras endógenas que ordenam as falas) ou a sociedade (interações e contexto). A tese de Braga opta pela sociedade como pólo dominante. Nesse sentido, perante a tese de que o pólo dominante de definição de regras é a linguagem (a linguagem define processos de cooperação por suas próprias regras), sua síntese sugere uma relação inversa. Quando dimensiona essa nova relação – no conceito de dispositivo de conversação –, define alguns aspectos relacionados à linguagem (a vez de falar, movimentos de troca e duração), outros aí inscritos, mas relacionados à sociedade (papéis, relações entre interlocutores, institucionalização, sócio-interação, temas e estratégias) ou às tecnologias (quadros, territórios e meios). Nesse movimento, teórico e analítico, ele, portanto, realiza o que chamamos de análise triádica a partir de duas díades dos dispositivos de comunicação.

Entretanto, há aqui um deslocamento entre a abordagem teórica do conceito (fundado nas relações entre sociedade e linguagem) e os movimentos descritivos (onde surge, também, a dimensão técnica e tecnológica, como procuramos acentuar). Interessante que aqui a terceira dimensão (a ausente) vai ser central, inclusive teoricamente, nas análises recentes do que Braga chama de “processo interacional de referência”. Mas poderíamos entender a técnica e a tecnologia, nas conversações, como não diferenciadas. As técnicas são, nesse sentido, regras sociais compartilhadas, isto é, ainda não fundadas num corpo de especialistas diferenciados. E a tecnologia

é a “intensão” (entendida como antônimo de extensão) do corpo. Isso indicaria que a tecnologia, como extensão, implica em, numa dialética da história social entre tecnologia e técnica, na técnica como extensão das regras sociais compartilhadas. Esse entendimento se somaria às tecnologias extensivas descritas como “meios de conversa”.

A compreensão da conversa na perspectiva dos dispositivos também é feita por Adriano Rodrigues, sete anos depois (Rodrigues, 2001) de ter desenvolvido o conceito de “dispositivo da enunciação” (Rodrigues, 1994). Mesmo que partindo de outras perspectivas teóricas, a elaboração de Rodrigues também vai acentuar o conjunto de regras “de gestão” das interações (tomadas de palavra, réplicas, uso de mecanismos de repetição, correção etc.). Aqui se trata de compreender a “pragmática da conversa”, integrando a ela os elementos formais da linguagem. Nessa perspectiva, o que faria o objeto se deslocar de uma dominância da língua como sistema para a sociedade em interação como regulação seria muito mais o encontro com a pragmática. Não haveria, nessa perspectiva, uma questão ontológica que impusesse a linguagem como sistema dominante no conjunto das regulações das trocas? De qualquer forma, o conceito de dispositivos de conversa, em Braga, agrega mais dimensões (como vimos, as sócio-antropológicas fundadas no interacionismo de Goffman, e as aparições da tecnologia nas descrições) do que o conceito de Rodrigues, que fica restrito aos embates em torno das díades linguagem e sociedade. Mas também em Rodrigues se faz um esforço de um conceito que integre as duas perspectivas.

Talvez se insurgindo contra a idéia de que a história de um conceito no pensamento individual é evolutiva, sete anos antes Rodrigues vai se referir ao dispositivo como “quadros de sentido”, ou enquadramentos, como aparece em Aumont (1995). Como esse, utiliza o termo moldura, que separa o que está dentro do que está fora. É o dispositivo, diz, que fixa o sentido que é enunciado. Esse lugar é definido como “a experiência vivida dos interlocutores,

a sua experiência física e cognitiva, individual e coletiva, próxima e longínqua, fazendo por conseguinte intervir os mecanismos de memória” (Rodrigues, 1994:146). Aqui, o centro do debate é a tensão entre a perspectiva da linguagem como sistema (regras endógenas que ordenam as falas) ou a sociedade (interações e contexto). A convergência com Braga é inclusive teórica (conceitos de *frames*, quadros e interações em Erving Goffman). O movimento epistemológico é o mesmo: o conceito de interlocução é antítese do conceito de código, e o conceito de dispositivo emerge como síntese. Trata-se, portanto, de uma análise triádica, em que a proposição *sl/sl* é colocada como antagonista à proposição *sa/sl* (isto é, em que a interlocução depende não do código em si, mas do compartilhamento social do mesmo), para então sugerir o dispositivo como conceito que sintetiza, numa superação, as duas perspectivas (isto é, nega, integra e absorve a anterior).

O conceito, entretanto, não se reduz a esse ponto de conclusão. Acaba integrando as dimensões técnicas e tecnológicas. Essas aparecem quando Rodrigues fala de “telejornalismo”, referindo-se a uma determinada tecnologia, pensada principalmente como operações semiológicas específicas desse gênero. O objeto empírico – telejornalismo, resultado da extensão tecnológica em interação com técnicas de enquadramentos – requisita essa referência. Sua problematização teórica e epistemológica está subordinada ao descrever operações de linguagem específicas do “telejornalismo”.

Inversamente: só uma reflexão teórica e epistemológica sobre a técnica e a tecnologia em relação com a sociedade e a linguagem pode dar conta desse lugar para além do descritivo, ou de uma sutil apropriação, pelas ciências da linguagem, do que é descrito empiricamente como “telejornalismo”. Esse ir além propicia a identificação de movimentos dialéticos (expressos na elipse) em que um pólo sucede o outro na dominância, produzindo um sentido específico do acoplamento, inexistente nas operações de cada pólo isoladamente.

Para ilustrar essa proposição de acoplamento, comentaremos o trabalho de Mouillaud (1997). Ele dirá que “os dispositivos não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material”, e que “o dispositivo não é o suporte inerte do enunciado, mas um local onde o enunciado toma a forma... nem um contexto” (Mouillaud, 1997:85), para localizá-lo naquilo que é inseparável (contexto, enunciado, suporte e forma de inscrição em relação). Essa formulação nos permite compreender que Mouillaud acentua o dispositivo como um conceito que pensa o que chamamos de “acoplamento estrutural” entre contexto, enunciado, suporte e forma de inscrição, ou seja, entre dimensões que expressam o que categorizamos como objetos centrais da comunicação midiática – a sociedade, a linguagem e a tecnologia. Suas análises acentuam relações entre operações técnicas e semiolinguísticas, mostrando como cada movimento técnico (o nome, os títulos, as colunas, o uso de aspas, as assinaturas, seções, editoriais etc.) está acoplado a uma operação semiológica. Esse acoplamento só pode ser pensado em termos de mútua determinação, isto é, num momento em que cada um dos pólos se alterna como dominante. Talvez indicando a dificuldade teórica e metodológica de integrar na análise dos meios todas as dimensões que sugere acoplada no conceito de dispositivos, a leitura sócio-antropológica fica, em Mouillaud, apagada.

Para encerrar esse processo argumentativo em torno da concepção triádica, uma breve referência a Jacques Aumont, em particular, porque talvez seja o primeiro a usar o conceito diferenciando categorias sócio-antropológicas (o tempo e o espaço) com a técnica (ações sociais reguladas) em interação com a tecnologia, e, finalmente, realizando a discussão dessas últimas dimensões no campo sócio-antropológico (ambas como ideologia). Em nossa perspectiva de análise, a contribuição de Aumont está em colocar como determinadas operações técnicas em interação com determinadas tecnologias produzem um tempo e um espaço diversos da experiência social

anterior. Essa contribuição deve ser incorporada aos estudos dos dispositivos midiáticos, para que seja possível superar uma análise da técnica e tecnologia simplesmente descritiva (como vimos acima), ou crítica.

3. Conclusões metodológicas para análise dos dispositivos midiáticos

Os autores visitados já nos permitem uma localização de nossa proposição em termos de uma metodologia de trabalho com a matriz sugerida. O percurso é o seguinte:

a) Nenhuma das perspectivas de análise dos dispositivos midiáticos, isolada, dá conta da complexidade que localizamos nas inter-relações de condicionamentos (por que um é pólo dominante relativamente a outro, ou seja, instalam relações de causalidade) e contigenciamentos (por que essas relações estão definidas de forma casual) entre os vários sistemas de produção que, acoplados, “participam” da produção de dispositivos midiáticos.

b) Assim, sempre que uma terceira dimensão fica “descoberta”, ela aparece, como “sintoma” no aparato descritivo (sem tomada de consciência de seu lugar “teórico”). No caso de Braga e Rodrigues, a tecnologia e a técnica aparecem descritivamente, sem inserção epistemológica e teórica no conceito produzido em torno das díades linguagem e sociedade na análise da conversação. No caso de Mouillaud, a “sociedade” desaparece, ao mesmo tempo em que pensa a díade que relaciona técnica e linguagem tendo como objeto empírico o jornalismo. Para provar que o objeto empírico das mídias (o jornalismo) não impõe uma epistemologia, Rodrigues analisa as operações jornalísticas principalmente a partir de uma díade baseada nas relações entre linguagem e sociedade.

c) A produção de antíteses (do tipo de uma perspectiva em que o pólo dominante é a linguagem para um pólo dominante localizado na esfera das interações; ou, do texto para as técnicas; ou, do psicológico e fisiológico para a técnica e a tecnologia) resulta em novas leituras

produtivas dos dispositivos midiáticos, mesmo sem integrar as três dimensões. Essa produção decorre da localização de elipses diádicas, lugares de acoplamentos, sentidos ontológicos específicos da comunicação e do midiático. O dispositivo é, portanto, “lugar” de acoplamentos estruturais entre vários sistemas.

d) A produção de antíteses deve percorrer todas as possibilidades (causais, sem dúvida, mas pertinentes logicamente) de inter-relações (condicionamentos mútuos) da matriz primária que apresentamos, para que não se incorra nas limitações apontadas em “a” e “b” e intensive a reflexão de “c”.

e) Se a matriz é histórico-social, e não apenas lógico e formal, as possibilidades

causais devem ser verificadas experimentalmente, inclusive porque, num determinado momento histórico, poderá estar ocorrendo mais um condicionamento do tipo sa/sldo que o inverso (assim, a idéia do discurso como fenômeno a ser explicado pelas condições de existência materiais é uma tese que pode ter tido sua validade num determinado momento histórico – formação histórica dos grandes mercados, o econômico, o político e o cultural –, e não em outro, por exemplo, quando os mercados discursivos são unificados pelos dispositivos midiáticos). Nessa história, lugar importante ocupa a diferenciação das técnicas e tecnologias do “intenso” para o “extenso”.

Referências

- AUMONT, Jacques. “A parte do dispositivo”. In: *A imagem*. 2ª. ed. Campinas: Papirus, 1995, pp. 135-195.
- BRAGA, José Luiz. “Sobre ‘mediatização’ como processo interacional de referência”. GT Comunicação e Sociabilidade, XV Encontro Anual da Compós, Bauru: junho de 2006, CD-ROM.
- BRAGA, José Luiz. “Sobre a conversação”. In: *Brasil: comunicação, cultura & política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, pp. 289-308.
- FAUSTO NETO, Antonio. “Enunciação jornalística entre dispositivos e disposições”. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; MACHADO, Marialva. (orgs.). Livro da XIV Compós – 2005. *Narrativas midiáticas contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006, v. 1, pp. 95-108.
- FERREIRA, Jairo. Condições de existência das ONGs e disposições discursivas em sites na Web: questões teóricas e metodológicas sobre a distinção. Ícone, Recife, v. 1, n. 8, pp. 96-108, 2005.
- FERREIRA, Jairo. “Campo acadêmico e epistemologia da comunicação”. In: LEMOS, André;
- PRYSTON, Angela; SILVA, Juremir Machado da; SÁ, Simone Pereira de (orgs.). *Mídia.br*. Livro da XII Compós – 2003. Porto Alegre, 2004, v. 1, pp. 115-129.
- FERREIRA, Jairo. Estratégias, mercados e rotinas de produção discursiva das ONGs na Web. *Contemporânea*, Salvador POSCOM/UFBA, v. 2, n. 1, pp. 69-92, 2004a.
- FOUCAULT, Michel. “O olho do poder”. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2003, 18 edição, pp. 145-152.
- MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sergio Dayrell. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo, 1997.
- PEIRCE, CHARLES S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PERAYA, Daniel. “Médiation et médiatisation: le campus virtuel”. In: *Le Dispositif - Entre usage et concept. Hermes 25: cognition, communication, politique*. Paris: CNRS Éditions, 1999, pp. 153-167.
- RODRIGUES, Adriano D. “O dispositivo da enunciação”. In: *Comunicação e cultura – A experiência cultural na era da informação*. Lisboa, Presença, 1994, pp. 141-156.
- RODRIGUES, Adriano D. *A partitura invisível: para uma abordagem interactiva da linguagem*. Lisboa: Colibri, 2001.
- WALTER-BENSE, Elisabeth. *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Perspectiva, 2000.